A MAGIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS: UMA JORNADA PELO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

SILVANA EUCLIDES SERAFIM DA CONCEIÇÃO

RESUMO:

Este artigo explora a contribuição fundamental da contação de histórias no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil. Além de representar indicadores efetivos para situações desafiadoras, as histórias fortalecem vínculos sociais, educativos e afetivos. Os educadores desempenham um papel crucial ao utilizar essa ferramenta para desenvolver as crianças, despertando pequenos leitores e estimulando a imaginação. O texto destaca a importância de resgatar a tradição oral, ressaltando que a prática de contar histórias vai além da simples narração de eventos, influenciando o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e linguístico. A contação de histórias é apresentada como uma atividade lúdica valiosa, enriquecendo a compreensão do mundo e formando repertório cultural nas crianças desde os primeiros anos. O artigo aborda a escolha do ambiente, recursos e tipos de histórias, enfatizando a relevância da contação como aliada no desenvolvimento da fala, leitura e escrita. Por fim, destaca-se o papel essencial do educador na criação de uma atmosfera mágica durante a contação de histórias, fomentando o prazer pela narrativa e contribuindo para o desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Contação de Histórias; Desenvolvimento Infantil; Educação Infantil; Ensino-aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Atualmente, somos rodeados por uma ampla variedade de dispositivos eletrônicos portáteis, como celulares, notebooks e tablets, os quais se tornaram verdadeiros companheiros em nossa jornada diária. Essa imersão tecnológica é tão presente que é difícil imaginar nossa vida sem a conveniência e praticidade que esses dispositivos nos proporcionam. No entanto, é importante reconhecer que essa constante exposição à tecnologia também impacta significativamente as experiências das crianças, que desde cedo estão imersas em um mundo digital repleto de jogos, filmes e vídeos.

A influência desses recursos tecnológicos na vida das crianças é inegável. Seja através de aplicativos educativos, plataformas de streaming de conteúdo infantil ou redes sociais direcionadas ao público jovem, as crianças estão constantemente conectadas e interagindo com a tecnologia. Essa exposição precoce pode trazer benefícios, como o desenvolvimento de habilidades digitais e acesso a uma vasta gama de informações e entretenimento. No entanto, também levanta preocupações sobre os impactos na saúde física e mental, bem como sobre o desenvolvimento social e emocional das crianças.

É nesse contexto complexo e multifacetado que surge a necessidade de refletir sobre a forma como incorporamos a tecnologia na vida das crianças e como podemos equilibrar seu uso com outras atividades importantes, como a leitura, o brincar ao ar livre e a interação face a face. É fundamental reconhecer que, embora a tecnologia ofereça inúmeras oportunidades, ela não deve substituir completamente as experiências analógicas e humanas que são essenciais para o desenvolvimento saudável das crianças.

Por essa razão, é preciso refletir sobre a importância de incorporar a ludicidade como estratégia para promover o gosto pela leitura entre os pequenos. A ludicidade se apresenta como uma poderosa ferramenta nesse cenário, oferecendo uma abordagem que é tanto eficaz quanto cativante. Ao incorporar elementos lúdicos à prática da leitura, podemos transformar esse ato em uma experiência envolvente e prazerosa para as crianças. Por meio de jogos, brincadeiras, dramatizações e interações criativas com os textos, é possível despertar a curiosidade e o interesse dos jovens leitores, incentivando-os a explorar o mundo da literatura de maneira ativa e participativa.

Além disso, a ludicidade na leitura não apenas promove o gosto pela atividade, mas também contribui significativamente para o desenvolvimento integral das crianças. Ao mergulharem em histórias fascinantes, elas exercitam não apenas suas habilidades linguísticas, mas também sua imaginação, criatividade, empatia e habilidades sociais. A leitura lúdica oferece um espaço seguro para que as crianças experimentem, questionem e compreendam o mundo ao seu redor, enriquecendo suas mentes e expandindo seus horizontes. É fundamental que pais, educadores e toda a sociedade reconheçam a importância vital de incorporar a ludicidade como uma estratégia central na promoção da leitura entre as crianças. Somente ao adotarmos abordagens dinâmicas e criativas, que dialoguem de forma positiva com o mundo digital em que vivemos, poderemos nutrir o amor pela leitura nas novas gerações e cultivar uma sociedade mais crítica, imaginativa e consciente.

Silva (2011) destaca que na Educação Infantil, a prática de contar histórias desempenha um papel fundamental no desenvol-

vimento cognitivo, emocional, social e linguístico das crianças. Para Silva (2011) esta prática transcende a simples narração de eventos. A contação de histórias age na formação da criança em vários aspectos. Contribui no desenvolvimento intelectual, pois estimula o interesse pela leitura, desperta a criatividade, pois ao ser contada a história, a criança imagina universos como da realidade e da ficção realizada no cenário, os personagens, as ações feitas em cada história. Atua no desenvolvimento da comunicação, pois ao ouvir a história a criança passa a contar a história que ouviu para os amigos, inventando outras histórias de acordo com sua criatividade, dessa forma desenvolvendo a relação sócio-cultural ao proporcionar a interação com outras crianças e contar novas histórias desenvolvendo o gosto pela leitura (Silva, 2011, p. 122).

Em outras palavras, a relação entre o aluno e a leitura desde a Educação Infantil é fundamental no que tange a formação da criança como futura leitora, cidadã e pessoa formadora de opinião e transformadora de sua realidade social. Nesse sentido, este trabalho busca refletir sobre as contribuições da contação de histórias na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança e, também, para sua formação enquanto leitora.

AS CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

De acordo com Dantas (2019) a contação de história proporciona uma viagem ao mundo do faz de conta, além disso, contribui na construção do imaginário da criança e no "processo de formação da fala, da leitura e da escrita, pois dá asas a sua imaginação, distinguindo o real do irreal, e estabilizando afetos conflitantes" (Dantas, 2019, p.).

Além disso, a contação de histórias contribui de maneira significativa para o processo de formação da fala, da leitura e da escrita das crianças. Ao ouvirem e participarem ativamente das narrativas, elas têm a oportunidade de entrar em contato com uma variedade de estruturas linguísticas e vocabulário diversificado, enriquecendo assim seu repertório linguístico e fortalecendo suas habilidades comunicativas.

Quando escutamos uma história, entramos em contato com uma tradição oral presente na cultura da humanidade desde os tempos antigos. Essas lendas e contos eram parte do imaginário popular, destinados à ouvintes que não sabiam ler (Souza e Bernardino, 2011 apud Dantas, 2019). No Brasil, a arte de contar histórias ganhou novos contornos através das narrativas orais transmitidas por de origem africana, essas histórias passam a ser recuperadas como parte de uma tradição a ser resgatada pela Literatura Infantil (Dantas, 2019).

Conforme destaca a pedagoga Fanny Abramovich (2009):

como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e compreensão do mundo... (Abramovich, 2009, p. 20)

Através da leitura do mundo ao seu redor, a criança usa todos seus sentidos para interpretar gestos, vozes e espaços. Ouvir histórias desde a mais tenra idade transporta as crianças para mundos mágicos onde cenários diferentes, personagens fascinantes despertam a curiosidade e instigam a capacidade de criar.

As temáticas variadas apresentam dilemas morais, conflitos e desafios que ressoam com as experiências das crianças, permitindo-lhes explorar emoções, valores e questões éticas. Ao se identificar com personagens e situações, as crianças desenvolvem empatia, aprendem a considerar diferentes perspectivas e também a refletir sobre questões complexas, contribuindo para sua formação como cidadãos críticos. Seguindo os passos da reflexão proposta por Freire (2005) é possível afirmar que ser leitor significa ter acesso a um mundo de conhecimento, de ideias e culturas diversas, o que possibilita a ampliação de horizontes e também possibilita uma compreensão mais profunda e abrangente da realidade. A leitura abre caminhos para o aprendizado contínuo, incentivando a busca pelo saber, o pensamento crítico e a autonomia intelectual.

Nesse sentido, Freire (2005) enfatiza que:

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquele. [...] este movimento do mundo a palavra e da palavra ao mundo está presente no Movimento em que a palavra dita flui do mundo mesmo através da leitura que dele fazemos. De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo" quer dizer de transformá-lo através de nossa prática constante (Freire, 2005, p. 143)

Diante desse universo de descobertas e reflexões sobre si e sobre o mundo, é fundamental que a criança receba estímulos, na medida em que cada ser humano se torna o que é a partir de sua relação com o outro (Wallon, 2005). Esses estímulos não se restringem apenas ao ambiente escolar, mas também são influenciados pela interação com familiares, amigos e demais membros da comunidade.

Para Fonseca (2013) apud Silva e Gonçalves (2020) os pais são os primeiros res-

ponsáveis por apresentar os livros a seus filhos. É por meio das histórias que os pequenos imaginam, fantasiam e entram em contato com suas emoções. Nesse sentido, Bueno e Oliveira (2011, p. 05) afirmam que:

contar e ouvir histórias são possibilidades libertárias de aprendizagem, atividades de extrema importância na construção do conhecimento e do desenvolvimento ético, crítico, reflexivo e significativo da criança enquanto ser humano.

Fica evidente que a prática de contar histórias não é apenas uma forma de entretenimento, é uma atividade que desencadeia um processo reflexivo nas crianças em relação à sua realidade e ao seu conhecimento de mundo. Além disso, desempenha um papel fundamental no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral e escrita, pois a linguagem é um dos signos mediadores que constitui as habilidades psicológicas superiores (Vygotsky, 1998). Concordando com Dantas (2019) ao afirmar que:

Ao ouvir histórias, a criança vai construindo seu conhecimento da linguagem oral e escrita, aprende pela experiência, estimula sua imaginação, desenvolve seu intelecto e seu universo afetivo. É importante que o momento da leitura seja vivenciado de diversas maneiras, pois é um momento rico que deve ser explorado ao máximo por todos, adultos e crianças (Simões, 2000 apud. Dantas, 2019, p. 05)

Em síntese, a prática de contar histórias é categorizada como uma atividade lúdica devido à sua capacidade intrínseca de expandir os horizontes e as perspectivas de uma criança. Nesse sentido, é fundamental que a criança seja instigada a ter contato com livros e histórias. De acordo com Fanny Abramovich (2001) isto geralmente ocorre da seguinte forma:

O primeiro contato da criança com um texto é feito, em geral, oralmente. É pela voz da mãe e do pai, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas tendo a gente como personagem, narrativas de quando eles eram crianças e tanta, tanta coisa mais... Contadas durante o dia, numa tarde de chuva ou à noite, antes de dormir, preparando para o sono gostoso e reparador, embalado por uma voz amada... É poder rir, sorrir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de gozação" (Abramovich, 2009, p.16-17).

Como é possível desprender da citação acima, a interação dinâmica que se desenvolve durante a narrativa estabelece um vínculo valioso entre o contador e o ouvinte. O educador deve seguir uma organização e planejamento para despertar a aprendizagem através das histórias, sobre isso Leardini (2006) é enfático ao afirmar que:

[...] a de "livrinhos de histórias" é vista por alguns professores como uma forma isolada, muitas vezes não obedece a uma continuidade de planejamento, nem tampouco apresenta objetivos para aproximar a criança do livro. Dessa forma, as atividades relacionadas com o contar histórias perdem seu significado perante as crianças, pois referidos professores até as contam com certa frequência, permitem que elas manuseiem os livros com certa constância, entretanto, a definição clara da incorporação do ato em sua prática não é apresentada (Leardini, 2006, p.50).

Além disso, o educador como ator durante o processo de contação de histórias, deve se esforçar para que o espaço da sala de aula seja apropriado pelas crianças e para que as interações sejam instigadas.

Inicialmente, é possível sugerir que as crianças se sentem à sua volta, para que possam visualizar as imagens e também o texto presente no livro. O livro desempenha um papel fundamental durante a contação de histórias, sendo crucial que este esteja posicionado ao alcance dos olhos das crianças. Edmir Perrotti, conforme citado por Maricato (2006, p.18), ressalta a importância desse componente na experiência da criança. Segundo Perrotti, o processo se inicia com a audição da história pelo adulto, seguido pela exploração do livro como um objeto tátil. Nesse momento, a criança toca, visualiza e procura compreender as imagens apresentadas, estabelecendo uma conexão sensorial com o conteúdo narrativo. Essa abordagem enfatiza a dimensão multissensorial da leitura, evidenciando a transição da escuta da narrativa para a interação direta com o livro, proporcionando um enriquecimento na compreensão e na apreciação da história. Além do livro, a contação de histórias pode ser enriquecida por meio da incorporação de diversos recursos, tais como fantoches, teatrinhos, máscaras, desenhos, dobraduras, instrumentos musicais, materiais reciclados, entre outros.

A seleção do ambiente para a contação de histórias também requer uma consideração cuidadosa. Em locais abertos, é essencial proporcionar sombra e minimizar ruídos externos, criando um ambiente propício para a concentração. Em espaços fechados, a amplitude e a ventilação devem ser consideradas, garantindo conforto e tranquilidade, elementos fundamentais para criar um ambiente propício à imersão e à participação ativa de todos os envolvidos. A atenção a esses detalhes contribui para a eficácia da contação de histórias, criando um cenário favorável que potencializa a experiência e a interação das crianças com a narrativa.

Além disso, a escolha da narrativa a ser contada é crucial. Deve-se levar em conta

não apenas a faixa etária das crianças, mas também o tema abordado nos livros infantis e de que maneira esses recursos literários podem ser explorados em profundidade. Cada criança é singular, atravessando estágios psicológicos que requerem observação e respeito durante seu desenvolvimento. A etapa de seleção está relacionada não apenas à idade, mas também ao nível de conhecimento, ao amadurecimento psíquico, afetivo e intelectual. Esses fatores devem ser cuidadosamente considerados ao escolher uma história para ser contada, uma vez que o contato precoce com os livros progressivamente aumenta o prazer e o apreço pela leitura.

Em resumo, a seleção de textos criteriosos, a incorporação de elementos teatrais e a caracterização são elementos que favorecem o momento da contação. Nesse contexto, é imperativo que os professores mantenham viva essa atmosfera mágica, utilizando a sala de aula como cenário, objetos como fantoches e bonecos, especialmente em um mundo cada vez mais globalizado e tecnologicamente orientado, onde o espaço dedicado à fantasia e aos livros tende a diminuir.

Contudo, o uso dos livros como instrumento pedagógico não se limita apenas à construção do conhecimento. Eles extrapolam a finalidade da alfabetização e do desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças, podendo ser empregados pelo adulto com o intuito de reforçar sua natureza lúdica e proporcionar uma experiência prazerosa aos pequenos.

Atualmente, a educação está empenhada na formação de indivíduos críticos, responsáveis e atuantes na sociedade, um processo que tem início no ensino infantil. Nesse estágio, os primeiros hábitos começam a se desenvolver, e as interações sociais das crianças desempenham um papel crucial em sua aprendizagem.

Conforme destacado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, "a criança, como todo ser humano, é um sujeito social e histórico e faz parte de uma organização familiar inserida em uma sociedade, com uma determinada cultura, em um determinado momento histórico" (BRASIL, 1998, p. 21). Essa abordagem reforça a importância de considerar não apenas o indivíduo isolado, mas também o contexto social, cultural e histórico no qual a criança está imersa desde os primeiros anos de sua educação. Dessa forma, as instituições de Educação Infantil, devem se comprometer ao atendimento da criança cidadã, já que essa é entendida como sujeito de direitos e em pleno desenvolvimento desde o seu nascimento. Nas palavras de Dantas (2019)

No Brasil, a escola tem um papel fundamental para garantir o contato com livros desde a primeira infância, já que a realidade atual vem afastando cada vez mais nossas crianças do ato de ler, tendo em vista os avanços tecnológicos e acesso restrito à leitura no núcleo familiar. A responsabilidade de formar o leitor, não pode está só na escola, os pais podem ler para seus filhos, levá-los a biblioteca e livraria, criar hábitos de leitura para desenvolver a criatividade, a linguagem e a escrita (PAIVA, 2010; PIRES, 2011 apud. Dantas, 2019, p. 07).

A contação de histórias, para além de ser uma prática lúdica, constitui-se como uma valiosa ferramenta pedagógica para os educadores em sala de aula. Por meio dessa atividade, torna-se possível explorar diversos contextos, épocas, modos de agir e ser, éticas distintas e perspectivas variadas. Essa abordagem multifacetada proporciona aos alunos uma vivência abrangente e rica em aprendizado. Nesse sentido, é fundamental que as crianças tenham acesso a diferentes gêneros textuais desde cedo, mesmo antes de aprenderem a ler, pois, como destacado por Freire (2005), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Isso ressalta a capacidade inata do ser humano em interpretar as situações cotidianas antes mesmo de adquirir a habilidade formal da leitura. Assim, a contação de histórias emerge como um meio enriquecedor para desenvolver a compreensão do mundo e a formação de repertório cultural das crianças.

Os primeiros contatos das crianças com a literatura, os livros e as imagens presentes nas obras são essenciais para instigar nelas o desejo de construir novos significados. Esse processo metodológico desempenha um papel crucial no desenvolvimento do gosto pela leitura, proporcionando prazer e apreço pela literatura, ao estabelecer uma ponte entre a fantasia e a realidade.

Durante esses momentos de leitura, as crianças conseguem dar sequência lógica aos fatos, compreender a ordem dos acontecimentos, ampliar seu vocabulário e cultivar o amor pela literatura. De acordo com Bomtempo (2003, p.33), a leitura feita pelo professor em voz alta, em situações que permitam a atenção e a escuta das crianças, fornece um repertório rico em expressões e vocabulário, facilitando a interação com a linguagem escrita. Assim, a contação de histórias não apenas entretém, mas também cria um ambiente propício para o crescimento cognitivo e emocional das crianças.

Nesse contexto, o professor desempenha o papel de mediador entre o livro e o aluno, estimulando a imaginação e promovendo o desenvolvimento da capacidade cognitiva. Como ressaltado por Coelho (1999), a história incorpora-se às ideias da criança, alimentando sua imaginação criativa. O contador deve acreditar e se envolver, vibrar com ela; é essencial criar interesse e agir naturalmente para evitar dispersão entre os ouvintes. O professor, ao trabalhar

aspectos como oralidade, espontaneidade, socialização e coordenação motora, valoriza os benefícios dessa prática como aliada no desenvolvimento da fala, leitura e escrita. Nesse sentido, Paiva (2010) destaca que o professor precisa entrar no mundo infantil e desfrutar em conjunto com as crianças o prazer de imaginar e criar, contudo é preciso ter em mente sua responsabilidade enquanto mediador no processo de aprendizagem, como agente de ampliação dos conhecimentos das crianças.

Villardi (1997, p.110) enfatiza que "a literatura é criada para encantar, é elaborada com prazer para proporcionar prazer, e o que se segue é uma consequência desse prazer". Ele destaca que o indivíduo sensível e crítico encontra maior felicidade por meio dessa abordagem. Reconhecer que as histórias nutrem a imaginação, facilitam a auto identificação, auxiliam na resolução de conflitos internos e promovem a aceitação de diversas situações na vida das pessoas é fundamental.

É necessário criar um clima de mistério para envolver o ouvinte e não o subestimar, permitindo que questionamentos permaneçam suspensos para uma possível discussão após o término da contação. O professor pode aproveitar a história como ponto de partida para novas propostas de atividades, como desenhos, encenações teatrais, entre outras.

O educador precisa dedicar-se ao ato de contar ou ler um texto, evitando a mera didatização das histórias sem a participação ativa dos alunos. O gosto do contador deve transparecer, despertando nos ouvintes o prazer pela narrativa.

Na literatura infantil, existem diversos tipos de histórias, mas todas devem ter uma linguagem clara e objetiva, adequada à faixa etária das crianças, conforme aponta Coelho (1999). Nos contos de fadas, como os que começam com "Era uma vez...", as crianças entram em contato com a magia, o encanto e personagens fantásticos. Nas fábulas, exploram um mundo de fantasia permeado por lições morais subjacentes. Além disso, há contos com repetições, sons e vozes de animais.

Coelho (1999) destaca que os interesses de cada faixa etária determinam a escolha dos tipos de histórias. Na fase pré-mágica, que vai até os três anos, o enredo deve ser simples, com ritmo e repetições, abordando situações próximas à vida afetiva, social e doméstica da criança. Dos três aos seis anos, na fase mágica, o encanto deve predominar, e as crianças solicitam a repetição constante da mesma história.

Para que a narrativa seja genuinamente relevante e cativante para as crianças, o educador precisa considerar vários aspectos, como evitar repetições de vocabulário, ser criativo, expressar-se por meio de gestos faciais e corporais, e demonstrar criatividade e imaginação.

No contexto da contação de histórias, o livro desempenha um papel crucial e deve ser posicionado à altura dos olhos das crianças. Conforme Edmir Perrotti, citado por Maricato (2006, p.18), "primeiro a criança escuta a história lida pelo adulto, depois conhece o livro como um objeto tátil, que ela toca, vê e tenta compreender as imagens que enxerga". Ao introduzir uma história, é fundamental garantir que os ouvintes estejam confortavelmente acomodados, e a escolha cuidadosa do bordão introdutório, como "Era uma vez..." ou "Há muito tempo atrás...", desempenha um papel crucial na ambientação do público. Por outro lado, o encerramento da narrativa é tão significativo quanto, pois representa a transição do mundo imaginário de volta à realidade.

O bordão de abertura estabelece o tom e a expectativa, convidando os ouvintes a mergulharem na trama. Sua seleção requer consideração, pois deve despertar o interesse e criar uma atmosfera propícia à imaginação. Da mesma forma, o encerramento não apenas sinaliza o término da história, mas também serve como uma ponte delicada para guiar os ouvintes de volta à vida cotidiana.

Esses elementos rituais não são apenas formalidades, mas elementos essenciais na arte da contação de histórias. Eles contribuem para a criação de uma experiência narrativa envolvente e memorável, conectando o universo ficcional ao mundo real de forma delicada e impactante.

A interação com o livro não se limita à audição da história, mas também envolve o contato físico e visual, proporcionando às crianças uma experiência sensorial completa. Esse processo contribui não apenas para a compreensão da narrativa, mas também para o desenvolvimento do gosto pela leitura e o estímulo à imaginação das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias, como evidenciada neste artigo, emerge como uma prática pedagógica valiosa para o desenvolvimento infantil. Ao longo do texto, destaca-se a capacidade intrínseca das histórias em influenciar positivamente diversos aspectos do crescimento das crianças, indo além da mera narração de eventos.

O artigo enfatiza que a contação de histórias contribui de maneira significativa para o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e linguístico das crianças na Educação Infantil. A prática vai além de ser um mero entretenimento; ela atua como uma ferramenta multifacetada que estimula o interesse pela leitura, desperta a criatividade,

desenvolve a comunicação e fortalece os laços sociais e culturais.

A tradição oral, destacada como parte integrante da prática, conecta as crianças a uma rica herança cultural, promovendo uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor. O artigo também ressalta a importância do papel do educador nesse processo, destacando sua responsabilidade em criar uma atmosfera mágica durante a contação de histórias.

A escolha cuidadosa do ambiente, recursos e tipos de histórias é apontada como crucial, pois isso influencia diretamente o envolvimento das crianças na atividade. A introdução de elementos como livros, fantoches, teatrinhos e outros recursos enriquecem a experiência, proporcionando uma abordagem sensorial completa.

Além disso, o texto destaca a relevância da seleção criteriosa das narrativas, levando em consideração não apenas a faixa etária, mas também o nível de conhecimento, amadurecimento psíquico e interesse individual de cada criança. A contação de histórias é percebida como uma atividade que transcende os limites da sala de aula, contribuindo para a formação integral das crianças desde os primeiros anos.

No contexto atual, em que as crianças estão expostas a dispositivos eletrônicos desde cedo, o artigo destaca a necessidade de incorporar a ludicidade como estratégia para promover o gosto pela leitura. A contação de histórias é apresentada como uma resposta a esse desafio contemporâneo, proporcionando uma alternativa valiosa para estimular a imaginação e desenvolver habilidades fundamentais.

Em síntese, o artigo destaca a contação de histórias como uma jornada enriquecedora pelo desenvolvimento infantil, ressaltando seu impacto positivo em diferentes dimensões. A prática não apenas promove o prazer pela narrativa, mas também contribui para a construção de uma base sólida para o crescimento intelectual, emocional, social e linguístico das crianças, evidenciando seu papel essencial na educação infantil.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. Literatura infantil gostosuras e bobices. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009 BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. Tradução de Arlene Caetano. 16. ed.

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BOMTEMPO, L. Alfabetização com Sucesso. 2ª ed., Contagem: Oficina Editorial, 2003. BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília, DF: MEC, 1998.

COELHO, B. Contar, histórias: uma arte sem idade. São Paulo: Ática, 1999

DANTAS , E. L. A. . A contação de história na Educação Infantil e a formação de leitores.

Revista Caparaó, [S. l.], v. 1, n. 2, p. e12, 2019. Disponível em: https://revistacaparao.org/caparao/article/view/12. Acesso em: 14 dez. 2023.

FONSECA, N. K. UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA CONVITE À LEITURA INFANTIL: Da importância ao incentivo dos pais. João Pessoa, 2013. [s.l: s.n.]. Disponível

em:<http://www.ccsa.ufpb.br/biblio/contents/tcc/tcc-2013/convite-a-leitura-infantil-da-i mportancia-ao-incentivo-dos-pais.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2023.

FREIRE, P. A importância do ato de ler. 47ª ed., São Paulo: Cortez, 2005.

LEARDINI, E. O contar histórias, finalidades e contribuições para a criança. In: O contar histórias na educação infantil: em estudo acerca dos valores atribuídos por professores sobre a importância dessa prática para odesenvolvimento da função simbólica. Campinas: UNICAMP, 2006.

MARICATO, A. O prazer da leitura se ensina. DF: Revista Criança: O professor da educação infantil, 2006.

PAIVA, S. A literatura infantil no processo de formação do leitor. Cadernos de pedagogia. São Carlos, v. 4, n. 7, p. 22-36, 20.

SILVA, D. do R. A. e; GONÇALVES, R. M. The role of children's literature in the context of early childhood education and child education: a bibliographic review. Research, Society and Development, [S. l.], v. 9, n. 5, p. e66953078, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i5.3078. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/3078. Acesso em: 14 dec. 2023. VILLARDI, R. Ensinando a gostar de ler: formando leitores para a vida inteira. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martin Fontes, 1998.

WALLON. In Livro de estudo: Módulo II/Karina Rizek Lopes, Roseana Pereira Mendes,Vitória Líbia Barreto de Faria, (orgs). Brasília: MEC. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação à Distância. Coleção PROINFANTIL. Unidade 2. 2005. P. 26.